

S E R M A M

DO GLORIOSO ARCHANJO

S. MIGUEL,

Com Commemoração do Officio que se faz pelas
Almas do Purgatorio,

PREGADO

Na Igreja Matriz do Arrecife de Pernambuco:

DEDICADO AO SENHOR

SEBASTIAM CARDOSO DE SAMPAYO,
Chancellor da Relação da Cidade do Porto, do Con-
selho de S. Magestade, & supertendente da Casa da
Moeda, & Comendador da Ordem de Christo:

*Pelo Licenciado IOSEPH VELOZO, natural da
Cidade da Bahia, & Vigario da Parochial Igreja
do Corpo Santo do Arrecife:*

Dado a luz

Por MANOEL BAUTISTA DE CASTRO.



LISBOA;

Na Officina de MIGUEL DESLANDES,
Impressor de Sua Magestade.

Com todas as licenças necessarias. Anno 1691.

M A M R

1944

BY

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

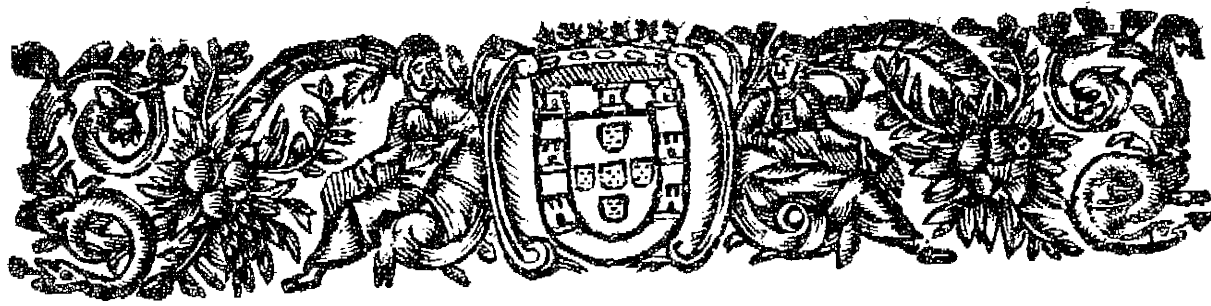
...

clinar toda para hũa parte ; mas sem a diligencia de
 que nesta balança se lhe tome o pezo, sabe o mundo que
 são de excessivo valor: assim o mostra V. M. no zelo, e
 exercicio com que continua a Casa da Supplicação nes-
 sa Cidade do Porto, e na grande rectidão com que
 exercita a supertendencia da Casa da Moeda; e sem
 nota de lisonja posso eu chamar a Cidade do Porto ve-
 turosa com V. M. pois diz Aristoteles, que o Presiden-
 te douto faz a Cidade feliz: Ubi præses fuerit Philo-
 sophus, ibi Civitas est felix : havendo sempre em hum,
 e outro Tribunal gostosos os pertendentes , satisfeitos
 os povos, acreditados os lugares, edificados os Mini-
 stros, e bẽ servida esta Coroa. Muitas havia V. M.
 mister, se estas lhe correspondessem aos merecimentos, mas
 bastelhe por gloria sua o darlhe Deos em taõ altas pren-
 das taõ supremas Coroas : o mesmo Senhor de a V. M.
 eternos annos de vida, para gosto dos que com particu-
 lar empenho o estimaõ, e com singular respeito o vene-
 raõ, &c.

Muito de V. M.

Seu affectuosissimo criado

Manoel Bautista de Castro.



Quicumque ergo humiliaverit se sicut parvulus iste, hic est maior in Regno Caelorum. Matt. 18.



Esta occasião mais que em qualquer outro tempo, recei o subir a este lugar; porque em qualquer outra accãõ, sã me era necessario explicar o sagrado Evangelho, & agora vejo ser necessario nesta hora resolver hã questãõ, que acho proposta pelos sagrados Apostolos, sobre se haver de definir a qual pertence levar o morgado em o Reyno do Ceo.

Tambem em a solemnidade presente temos outra questãõ, & outra contenda que explicar, qual he aquella batalha que se travou em aquelle campo de safiras cristalinas, em q̃ contendẽrãõ o Archanjo S. Miguel, de hã parte, & da outra, o Dragãõ infernal Lucifer, em que ficou vitorioso o Santo Archanjo. Em verdade, que se a primeira cõtenda nãõ fora resolvida pela boca de Christo Senhor nosso, & a segunda nãõ fora explicada pelo Evangelista; nãõ sei quem seria tam ousado, que emprendesse tãõ grande difficuldade.

Ainda, Senhores, temos outra contenda que decidir, qual he a presente accãõ, que patente temos a nossos olhos. Lutou a vida com a morte, travouse a batalha com tal força, que por ultimo remate nam ficou por despojo deste triunfo, mais que essa caveira seca, & effes ossos mirrados, que vemos nesse prato de cinzas, para nosso desengano, ficando por fim da cõtenda, a morte vencedora, & a vida vencida. Mas ainda que a morte alcance o triunfo da vida, nãõ por isso deixarãõ suas almas de triunfar da mesma morte, aquellas que habitarem em a tenebrosa regiaõ do Purgatorio, quando acabarem de satisfazer a sua pena; & para q̃ seja mais aliviada a sua dor, nos mostraõ aos nossos olhos aquelle seu cadaver, para que lhe mandemos algum soccorro de Missas, Officios, Esmolas, Oraçoens, & quaesquer outras obras pias, applicadas por modo de suffragio; para que unidos com os merecimentos de Christo Senhor nosso, pollãõ hir gozar daquella visãõ intuitiva da

Divindade, para que foraõ creadas. E para poder relatar estas contendas, necessrio do auxilio da divina Graça; mas Maria Santissima nõa alcançará como nõsta medianeira, obriguemola com a faudação Angelica. *Ave Maria.*

PROPuzeraõ os sagrados Apostolos a Christo Senhor nõsto huma
1 PONT. **P**roposta, nascida de hũa grande contenda que entre sy tiveraõ; &
do Evang. vinha a fer: Qual dellès havia de ser o mayor em o Reyno do Ceo: *Accesserunt Discipuli ad Iesum, dicentes: Quis putas maior est in Regno Celorum.* Esta contenda nasceo de algũa migalha de presumpção; porque ouvindo o Senhor a sua proposta, lhes mostrou hum menino, & lhes disse: Se vos não fizeres semelhante a este menino, não entrareis no Reyno do Ceo: *Et advocans Iesus parvulum, statuit eum in medio eorum, & dixit: Amen dico vobis, nisi conversi fueritis, & efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in Regnum Celorum;* & logo cobnuou o Senhor dizendo: Aquelle que se humilhar como este menino, esse ferà o mayor em o Reyno do Ceo: *Quicumque ergo humiliaverit se sicut parvulus iste, hic est maior in Regno Celorum.* Onde se segue por boa consequencia, que de presumpção devia fer a contenda, pois o Senhor lhe applicou por antidoto a virtude da humildade, como remedio aquelle dano.

O que por ora nos serve do sagrado Evangelho, para delle fazer a explicação moral, he, aquelle *humiliaverit se, & o hic est maior.* Como propondonos ser verdade intallivel ser a humildade a maior de todas as virtudes, pois faz ao fogeito que a possui, ser maior em santidade no Reyno do Ceo; tanto assim, que atè Deos, sendo aquelle que tudo vê, quando chega a empregar os seus divinos olhos em a humildade, parece não teve mais que ver, ainda que sejaõ muitas as virtudes, que juntas com ella enriqueção o tal fogeito, em quem Deos poz cõ agrado os seus divinos olhos.

Luc. 1. A Virgem Maria Senhora nõsta compoz hum Cantico, em o qual dà graças ao Senhor por varios beneficios, & diz deste modo: Alegrou-se o meu espirito só em meu Deos; & a causa que dá Maria Santissima a esta sua tão excessiva alegria, foi: porque o Senhor vira a sua humildade: *Quia respexit humilitatem ancillae suae.* Já o reparo esta a vista. Se a Senhora possuia hũa perfeita charidade, hũa angelica pureza, hũa verdadeira pobreza de espirito, hũa incomparavel temperança, hũa quasi infinita misericordia, & finalmente todas as virtudes juntas, & cada hũa dellas em summo grao; como diz a Senhora, que Deos vira a sua humildade, sem fallar em outra algũa virtude? Ora vejaõ. Certo he que Maria Santissima possuio todas as virtudes em summa perfeição; & tambem he certo conheço a Senhora, que vira Deos especialmente

almente a sua humildade; que esta virtude leva tanto a Deos o seu agrado, que ainda que ache em hũa pessoa muitas virtudes heroicas, nesta emprega mais o agrado de seus divinos olhos, por ser a maior de todas as virtudes.

Tão portentosa cousa he a humildade em hũa creatura, que parece chega a engrandecer a gloria accidental ao mesmo Deos. No Cantico referido diz a Virgem Senhora por principio: *Magnificat anima mea Dominum, &c.* A minha alma engrandece ao Senhor; & a causa que dá a esta tão portetosa maravilha, he: porque achou o Senhor em a Virgem Santissima hũa grande humildade: *Quia respexit humilitatem ancilla sua.* Tendo por conclusão infallivel, que se engrandece a gloria accidental de Deos, quando acha hũa alma cheia de humildade.

Ibi.

Perguntarão agora os meus ouvintes, que premio terá quem for humilde? Respondo: Em o Ceo, dão maior gloria a Deos, como dissemos; & na terra ficará seu nome esculpido nos coraçoes de todos, & ainda os vindouros o estarão eternamente louvando. Maria Santissima como Mestreira que he de tão alta virtude, só nos ha de acabar de provar este pensamento. Tanto que disse a Senhora, que Deos virá sua humildade, logo continuou o Cantico com dizer, que teria por premio ser louvada, & engrandecida de todos, de tal sorte, que de geração em geração se conunuará na boca de todos o seu louvor: *Ecce enim ex hoc beatam me dicent omnes generationes*; que he tal esta virtude, que faz o fogeito que a possuiu immortal para os louvores. E não me admiro, pois diz S. Gregorio, que na vida só vivemos o tempo em q̄ possuimos a innocencia, & a humildade: *Vivimus solum tempore, quo innocenter, & humiliter vivimus.* E se assim vivermos, será para Deos gloria, para nós lucro, & para nossos proximos exemplo.

Ibi.

D. Gregor.

Em o primeiro ponto, vimos a contenda entre os Apostolos; no segundo veremos a batalha entre os Anjos: na primeira porfiava a carne, & sangue em o sensitivo; em a segunda lutarão puramente os Espiritos racionais, em que contenderão o Archanjo S. Miguel, contra o soberbo Dragaõ Lucifer; & para melhor intelligencia da historia, relatemos o successo. Estava de hũa parte o Archanjo S. Miguel posto em fórma de batalha como Capitão da milicia celeste, vestido desta sorte. Trazia por murrião a Prudencia, por vizeira a Fè, por góla o Desejo, por embarçadeiras o Valor, por peito a Charidade, por espaldar o Recato, por azas a Ligeireza, por sendalas a Esperança, por alparcas a Humildade, por escudo a Fortaleza, & por espada o zelo da gloria de Deos. Da outra parte estava Lucifer, o qual tambem trazia grande sequito de Espiritos; vinha vestido de toda a maldade, porque trazia na cabeça a Presumpção, nos olhos a Inveja, na boca a

II. PONTO.

De S. Miguel.

Blas.

Blasfemia, nos braços a Temeridade, no peito o Odio, na cauda a Soberba; & todas as suas armas eraõ ira, raiva, & ingratição, com a qual se opoz ao mesmo Deos.

Foi feita esta grande batalha em o Ceo (diz S. João); por húa parte pelejou valerosamente o Santo Archanjo, com os Anjos da sua companhia; & da outra posto que pugnasse o Dragão infernal có os seus sequazes, não pudéram vencer, mas antes se postráram cahidos em o In-

Apo. 12. ferno: *Factum est pralium magnum in Celo: Michael, & Angeli ejus praeliabantur cum Dracone & Draco pugnabat, & angeli ejus, & non praevaluerunt.* Mas como havia vencer este Dragão Lucifer, se elle queria a gloria para sy? Quem me dera ter hum grande entendimento, para poder agora ser Chronista de tão grande successo; mas como para o meu intento, me não incumbe mais, q̃ mostrar como o nosso Archanjo véceo a Lucifer; reservo o mais para engenhos superiores o poderẽ explicar.

Isaias 14. O Profeta Isaias relatando este tremendo successo, diz que foi tam grande a soberba de Lucifer, que se opoz à semelhança com o mesmo Deos: *Ascendam super altitudinem nubium, similis ero Altissimo.* Não podia ser maior a soberba; porém para se rebater esta arrogancia, era necessario em contraposição outra maior força: eu me declaro. Quando o vicio he a soberba, necessita-se de a rebaterem com a virtude da humildade; & se a soberba for muito crecida, he necessario que a humildade esteja em grao mais superior, para a poder vencer; & como nesta batalha pelejou o Dragão infernal com grãde força de soberba:

Apo. 12. *Dracon pugnabat,* com muito maior humildade lutou o Archanjo, pois o chegou a postrar, *& non praevaluerunt.* Vede agora se teve S. Miguel grande humildade. Está relatado o successo, encartemolo agora em o Evangelho.

O maior soberbo que ouve foi Lucifer; para se vencer a sua soberba era necessario maior humildade (como já disse); quem véceo a Lucifer foi S. Miguel; logo este Archanjo teve mais de humildade, do q̃ Lucifer teve de soberbo. Está a primeira provada. A segúda: o maior de todos os vicios, he a soberba; porque quer arrancar a Deos a sua gloria, para se fazer senhor della: *Similis ero Altissimo.* Porém o humilde pelo contrario: porque até as obras que exercita à custa do seu merecimento, as atribue só a Deos, como primeira cautia que he de tudo, & de quem he o auxilio, & esforço com que a obrou; por isso tanto que se acabou a batalha, logo S. Miguel aplaudio com seus companheiros a victoria a Deos: *Dim committeret bellum Draco cum Michael Archangelo, audita est vox: Salus, honor, & virtus Omnipotentis Deo:* como quem (por sua humildade) conheciaõ, que he só para Deos a gloria que alcançavão.

*Officiũ
ejus diei
Ex. 1. in
Matut.*

Se o maior peccado he a soberba, he logo a maior virtude a humildade; & quem vence ao maior soberbo, por consequencia he o maior humilde. Sendo este S. Miguel (como está visto) he infallivel que este Archanjo seja o maior em o Reyno do Ceo. E se o dizer o Salvador, que aquelle que se humilhar como aquelle menino, será o maior em o Ceo: S. Miguel ainda se humilhou mais que hum menino; porque se estes atribuem tudo a quem os governa, cõ tudo, ainda algũa cousa repugnão ordinariamente para sy, & para a sua vontade: mas o Archanjo soberano, toda a gloria deu para Deos em a sua vitoria, não reservando della nada para sy; por isso he S. Miguel o maior em o Reyno do Ceo: *Hic est maior in Regno Caelorum.*

Foi taõ relevante em S. Miguel esta virtude da humildade q̃ exercitou em a batalha, que logo Deos nosso Senhor lhe premiou seu merecimento com grande liberalidade, exaltando-o a grande soberania. Reparou Maria Santissima em esta taõ terrivel contenda, & louvando a Deos em o seu Cântico, diz assim: *Deposuit potentes de sede,* que Deos *Luc. i.* despojara ao soberbo do assento em que se considerava; este soberbo não tem duvida algũa, que he Lucifer, que no assento das Estrellas se considerava já assentado; assim o diz Isaias: *Super astra Dei exaltabo solium meum.* E logo continua a Virgem Santissima: *Et exaltavit humiles,* que Deos exaltára ao humilde, que he S. Miguel, que se opoz ao soberbo despojado. E quiznos mostrar a Senhora, que logo que se acabou a batalha, assim como foi despojado Lucifer, fora logo exaltado S. Miguel, por sua grande humildade. *Isaias 14.*

Já vejo que me perguntaõ: que exaltação he esta a que subio S. Miguel? Respondo: Que he ser levantado à dignidade de morgado no Reyno do Ceo. Dirmehaõ alguns: & por onde saberemos nós que o Archanjo S. Miguel he o maior em o Reyno do Ceo? Respondo: Porque o fez Deos taõ poderoso, que lhe deu participaçõens, ou semelhanças de divino. Maria Santissima nos ha de confirmar este pensamento. Diz a Mãe de Deos, que o Altissimo fizera poderoso ao seu braço, & com elle despojára ao soberbo: *Fecit potentiam in brachio suo: dispersit superbos.* Sabido he já, que o soberbo arrojado, era Lucifer; & tambem sabem todos, que foi Lucifer despojado por S. Miguel: logo como disse a Virgem, que o braço de Deos fora o que arrojára ao soberbo? Eu o direi: Chegou a tanto valimento para com Deos este Archanjo, por sua rara humildade, que nam parece Anjo como os mais Espiritos, senão braço do mesmo Deos com quem está unido.

E se ouver alguem que duvide como pôde ser chamar a Virgem Santissima braço de Deos a S. Miguel: Respondo: Que leão com atençaõ este Verso, & reparem bem, que não fallou a Senhora do

Luc. 1.

Symbol. S.
Athanas.

braço realmente da Essencia Divina, senão de quem tivesse privilegios divinos em expulsar soberbos; & por isso disse a Virgem Senhora, que fora feito o poder em seu braço: *Fecit potentiam in brachio suo.* Notem agora. Para este braço ser realmente da Essencia Divina, havia de ser de algũa das tres Pessoas da Santissima Trindade. Do Padre não he, porque delle diz S. Athanasio (com toda a Theologia) que não foi feito: *Pater à nullo est factus;* & se a potencia foi feita, não he para o braço do Pay. Do Filho diz o Santo, que não foi feito: *Filius à Patre solo est, non factus.* Tambem se vê, não ser para o braço do Filho. Do Espirito Santo diz o Doutor, que não foi feito, nem gerado: *Spiritus Sanctus à Patre, & Filio, non factus, &c.* Tambem nam he feito este poder para o braço do Espirito Santo. Logo que braço foi este, em quem a Divina Essencia empregou, & fez o seu poder, senam em S. Miguel? porque teve poder com sua humildade de expulsar aos soberbos. Vejam agora, se he S. Miguel o maior em o Reyno do Ceo: *Hic est maior in Regno Caelorum.*

Etes. 22.

Ibi.

Ibi 1.

Joans. 21.

Ibi 23.

Luc. 7.

Aventajase S. Miguel aos mais Santos, em que sendo os mais prendados por Christo, assim como S. Pedro foi emprego dos divinos olhos: *Conversus Dominus respexit Petrum.* O ladrão foi emprego da divina boca: *Hodie tecum eris in Paradiso.* O Bautista foi emprego da divina mão: *Etenim manus Domini erat cum illo.* S. Thomè foi emprego do divino lado: *Affer manum tuam, & mitte in latus meum.* O mimo-so Evangelista foi emprego do divino peito: *Recubuisse ille super pectus Iesu.* A Magdalena foi emprego dos divinos pès: *Lacrymis cepit rigare pedes ejus.* Mas todos estes favores ficáraõ empregados em quem os possuia, de tal sorte, que senam pòde chamar à Magdalena, pès de Christo, nem ao Evangelista seu peito, nem Thomè seu lado, nem ao Bautista sua mão, nem ao Ladrão sua boca, nem Pedro seus olhos; porque só S. Miguel teve privilegio de se chamar braço de Deos, sendo creatura. Vede se fica claro, ser o maior no Reyno do Ceo: *Hic est maior in Regno Caelorum.*

Dan. 12.

Esta humildade de S. Miguel he de tal sorte, que tem por brazão socorrer a todos os humildes. Estava o povo de Deos com grande abatimento de guerras, & calamidades, quaes até então senão haviam visto; & quem cuidais que o veyo socorrer, senão S. Miguel? levantandose com pressa, veyo salvar ao povo de Deos: *Consurget Michael princeps magnus, &c.* E acaba a narraçao o Profeta: *Et in tempore illo salvabitur populus tuus.* Vede que assim socorre, se he o maior em o Ceo.

Diga alguem, que tambem os outros Anjos, & Santos favorecem aos humildes, & necessitados deste mundo. Digo que assim he; mas que tem tanta differença o socorro de S. Miguel ao socorro que fazem

os mais Anjos, como differe o ser maior do ser mais pequeno. E quem quizer ser invencivel, procure ter da sua parte o patrocínio deste soberano Archanjo, que se o tiver em seu auxilio, nam tem que temer tudo quanto se puzer contra sy. Diz o Profeta Daniel, que lhe fallára hum Anjo, que era guarda dos Hebreos, dandolhe conta, que o Anjo dos Persas havia recluso em seu cativoiro aos Hebreos; & como contendéra com elle por espaço de vinte & hum dias, mas que o Anjo dos Persas nam queria ceder de sua opinião, para dar liberdade ao povo, & que ao dito Anjo o viera ajudar o Anjo dos Gregos, & vendo-se elle apertado no conflicto, o veyo soccorrer o Archanjo S. Miguel, & com seu poder libertou logo do cativoiro ao povo de Decs. Ouçamos sômente as palavras com que acaba o Anjo a sua relação (& as mais deixo por compridas) que parece com a muita alegria, nam acaba de engrandecer a Daniel o poder deste tão soberano Archanjo: *Nemo est adjutor meus in omnibus his, nisi Michael princeps vester.* Vede agora se he maior o soccorro de S. Miguel, pois soccorre como quem he maior em o Reyno do Ceo: *Hic est maior in Regno Cælorum.*

Dan. 10.

Se este Archanjo foi tão grande em soccorrer aos Hebreos, ainda o faz ser maior em soccorrer aos Christãos. Todos sabem, que cada Monarchia tem hum Anjo que a defende, como vimos no Textô de Daniel, terem os Persas Anjo seu: *Vt præliet aduersum Principem Persarum;* como tambem os Gregos: *Cum ergo egredere, apparuit Princeps Græcorum.* E conforme a authoridade de cada Anjo, assim lhe dão o Reyno para o defender; & como S. Miguel he o maior, foilhe dado o morgado de Deos, para por sua conta o patrocinar; este morgado antiguamente erão os Hebreos, por só nelles haver verdadeira Religião, & darem culto ao verdadeiro Deos. E como a Ley dos Christãos instituiu Christo nosso Salvador, porque com a sua vinda se acabáraõ todas as ceremonias da Ley Velha, que eram figura da Ley da Graça; por isso S. Miguel acabada a Ley Escrita, inclinou seu patrocínio para os Christãos, & isto com maior excessso, do que patrocinaua antiguamente aos Hebreos.

Ibi.

Quando os Hebreos se vião em grande aperto, invocavão ao Archanjo S. Miguel, que decia do Ceo com tão grande impulso, q fazia revolver os mares, & estremecer a terra: *Concussam est mare, & contremuit terra, ubi Archangelus Michael descendebat de Cælo,* & to to o seu designio era só a favorecer aos Hebreos: *Michael Archangelus veni in adiutorium populo Dei;* porêm no tempo da Ley da Graça, hase o Santo Archanjo de outro modo, que era vir continuamente a soccorrelos à terra, & para com mais cuidado os amparar, deliberouse a fazer sua casa em a terra, para que estando de assento, com promptidão, & ligeireza os soccorresse; & oução o mysterio.

Antiph. 1.
in Mariæ.

R. VIII.

A solemnidade que hoje celebra a Igreja Catholica, he a memoria da edificacão do Templo, que antiguamente erigio ao Archanjo S. Miguel, por causa de que o mesmo Archanjo appareceo ao Bispo do Monte Gargano, & lhe mandou, que naquelle lugar que apõtava lhe edificasse hũa casa, em que Deos fosse adorado, & reverenciados os seus Anjos: *Michael Archangelus Episcopum monet in sua tutela esse eum lo-*
Leetio. VI. c. m, eo que indicio demonstrasse, velle ibi cultum Deo in sui, & Angelorum me-
in 8. Maij. moriam adhiberi.

Que razão teria o Santo Archanjo para querer casa na terra, se elle já tem casa no Ceo? Sabem porque? He para com mais pressa nos soccorrer; & a razão he: como havia pelejado em o Ceo com o Dragão infernal, & despojando o do seu lugar, ficou Lucifer cahido em a terra: *Qu. modo cecidisti de Cælo Lucifer, qui manet oriebaris? Corruisti in terra.* E vendo o Archanjo que os Christãos estavão apar de hum tão grande inimigo, não se contentou com os vir soccorrer, senão q quiz casa na terra, para não só os defendêr, mas também para os preservar.

Perguntará alguems: que razão teria o S. Archanjo para vir estar em a terra em o tempo da Ley da Graça, quando todo o tẽpo da Ley Escrita não teve tal vontade? Respondo: A Ley dos Hebreos, era hũa Ley que estava dada por Deos, como hũa preparacão da vinda de Christo; & como a tal Ley não havia ter permanencia, por isso S. Miguel não quiz edificar casa, onde seu patrocinio não fosse constante; porẽm como sabia que a Ley de Christo havia de durar até o fim do mũdo, quiz na terra edificar a sua morada, para nella permanecer.

Tambem quiz edificar a sua casa mais no tempo dos Christãos, q no tempo dos Hebreos; porque se muito amava aos Hebreos, pois os vinha soccorrer, muito mais amou, & ama aos Christãos, pois não só vem ajudalos, como fazia aos Hebreos, mas vem a estar em sua presença, para preservarlhe seus males; & mais faz quem cõ sua presença nos preserva dos males, que quem com grande diligencia nos vem livrar dos danos. Morre Lazaro, & vay o Senhor com toda a pressa a casa de Martha; & tanto que ella vio a Christo, disselhe estas palavras:
João. II. Domine, si fuisses hic, frater meus nõ fuisset mortuus. Senhor, se vós estiveres nesta casa, meu irmão não havia de morrer. Disselhe o Senhor, q elle vinha a resucitalo: *Resurget frater tuus;* porẽm Martha, tanto se nam deu por satisfeita da preda, que entẽdeo era impossivel a resurreicão do irmão, como parecendolhe ser maior o favor de assistirlhe o Senhor em sua casa, para o livrar da morte, do que depois de morto, vir com pressa a tornarlhe a dar outra vez a vida.

Quercis vós agora saber a grande obrigacão em que estais a este glorioso Archanjo? Eu volo direi; Os mais Santos, estando na terra,
 ainda

ainda que com suas oraçoens nos estão favorecendo ; com tudo, com a sua vontade, de nós se vão apartando a toda a pressa, desejando deixarnos, só por caminharem para o Ceo: porém S. Miguel he a sua virtude tanto mais relevante, que estando já no Ceo descansado, vendo a visã Beatifica, parece se não dá por satisfeito na gloria, senão que vem á terra edificar casa em que more, para socorrer aos Christãos, que vivem nas miserias deste mundo; & com tal empenho, que sempre continuamente está fazendo deprecaçoens por nós a Christo Senhor nosso: *Michael Archangele, esto memor nostri, hic, & ubi que semper precare pro nobis Filium Dei.*

Antiph. ad
Magnif. in
2. Vesp.

Esta ventagem (a meu ver) creceo no Santo Archanjo, depois que vio a Christo Senhor nosso em este mundo, tão humilhado, que chegou a dizer a seus Discipulos, que aprendessem d'elle a humildade de coração, sendo tão manso: *Discite a me, quia mitis sum; & humilis corde.* *Math. ii.* E se o Salvador se abateo tanto, como se nam havia de humilhar S. Miguel, se he por humildade o maior no Reyno do Ceo?

Bem sei tenho provado por tantas vias, ser S. Miguel o maior no Reyno do Ceo; & agora digo, que se eu encontrára ao principio hũas palavras que a Igreja nos ensina, fora bem escuzado fazer Sermão de S. Miguel; só bastava referir estas palavras: *Archangelus Michael prepositus paradisi, quem honorificant Angelorum cives.* O Archanjo S. Miguel he o Preposito do Paraíso, a quem honraõ todos os Anjos, como Cidadãos que saõ em a Bemaventurança; & se o ser Preposito do Paraíso, he ser maior em o Ceo, está por elle declarado o Thema: *Ilic est maior in Regno Caelorum.*

Temos ainda outra contenda, & esta para nós he a maior de todas; pois he entre a vida, & a morte. Contenda tão terrivel, & batalha tam lastimosa, que não ha, quem por fim, não seja vencido da morte; & todos os viventes a ella estão fogeitos: *Statutum est hominibus semel mori:* affirma o Apostolo. Este estrago ha de ser em nós, da sorte que vemos, tem sido em os que já foraõ, cuja lembrança nos deixaráõ esculpida em aquella caveira seca, que se para elles foi tragedia lastimosa, para nós he hum modelo de desenganos: mas porque a morte com todos he igual na observancia de seus estatutos; sabei, que tambem vós haveis de ser tragedia no estrago da morte, & entã em vós mesmo verãõ os vindouros os mesmos desenganos, que agora estais vendo nos que já passaráõ; porque a nosa vida he como flor, que sae a este mundo na primavera do tempo: *Quasi flos egreditur;* & logo se destroça, & desaparece à vista de nossos olhos, como sombra que fuge: *Et fugit velut umbra.*

III. PONTO.
TO.
Das Almas.
Hebr. 9.

Job. 14.

Se he muito para temer o estrago q̃ ha de fazer a morte em qual quer

quer de nós, porque reduz a hum prato de cinzas toda a nossa ostentação, & vaidade; com tudo, ainda he mais para recear o nam saber-mos qual será a nossa morte. Duas sortes de morte ha em o seu effeito, diz o Profeta Rey, húa a morte dos maos, & outra a morte dos bons: da morte dos maos diz, que será pessima, porque os peccadores aborrecerão, & desprezarão aos justos: *Mors peccatorum pessima: & qui oderunt justum delinquent.* Destes não tratamos agora. A outra he a morte dos Justos; desta diz, que he preciosa, porque morrem diante de Deos: *Pretiosa in conspectu Domini mors Sanctorum eius.* Porém ainda que sejaõ Santos, por morrerem em graça de Deos; com tudo, porque alguns delles nam tem satisfeito neste mundo a pena da sua culpa, vão suas almas padecer ao fogo do Purgatorio, que como o Juiz he muito recto, & o Tribunal muito justificado: *Iustus es Domine, & rectum iudicium tuum,* em achando que deve a alma a satisfação da pena, condena-a a padecer no Purgatorio por certo espaço; & supposto que o Senhor lhe limita tempo, com tudo facilmente lhe alivia a pena, & lhe rime o tempo de padecer, pelos rogos, & suffragios que por ella fazem.

Suspirão, & gemem as almas do Purgatorio, com a força do tormento que padecem, clamando com grande dor, a ver se aquelles a quem na vida foraõ favoraveis, em os tormentos do Purgatorio as soccorrem; mas como a sua regiaõ he tão distante da nossa presença, não podem os nossos olhos ver tão grande tormento, nem nossos ouvidos escutar ays tão lastimosos. Porém se avivarmos a nossa Fè, acharemos em o nosso affecto húa grande cõpunção, como se as estiveramos vendo, & ouvindo; para que doendonos dellas, as soccorramos. Dirã alguem; & como podemos nós soccorrer as almas do Purgatorio, se Deos he o mesmo que as meteo no lugar do tormento? Respondo: Que he Deos tão benigno, & misericordioso, que ainda quando castiga a húa alma pela sua pena, quer, & dà licença aos homens, para que por ella roguem, & intercedão.

Queixase o Santo Job das suas penas, & sendo ellas dadas pela mão de Deos, elle só aos homens pede soccorro: *Miseremini mei, miseremini mei, saltem vos amici mei, quia manus Domini tetigit me.* Já o reparo está à vista: se a mão do Senhor he a que o oprime, porque não pede misericordia ao Senhor, senão aos homens, & só unicamente aos homens: *Saltem vos?* Vejaõ o mysterio. O Santo Job (como querem os Santos Padres) representavase como se estivesse no Purgatorio; porque este rogo não parece ser feito pelas perseguições que neste mundo padece, senão como profecia do que esperava padecer no Purgatorio; porque estando vivo, quem o tocou foi o Demonio, por dominio que

Deos lhe deu: *Esce uniuersa que habet, in manu tua sunt*: tambem nam *Iob. 1.* poz só nos homens a sua esperança, porque com hũa só palavra seus amigos o não consolárao: *Nemo loquebatur ei verbum*; & só de Deos *Iob. 1. 2.* teve Job consolação. Onde se segue, que só de sy como no Purgatorio fallava; pois entrão a mão de Deos he a que toca com o castigo, & só as intercessões dos homens, são as que podem dar consolação, applicandolhe merecimentos, & suffragios.

Dirá alguem: Padre, se são tantas as lamentações que se padecem no Purgatorio, que causas tem que tanto as afflige? Respondo: Que são duas penas muito grandes, que padecem: a primeira he a pena que se chama de sentido; a segunda he a pena, que se chama de dano. Pena de sentido, he hum tormento de fogo, de tal qualidade, que tem actividade de atormentar as almas: a pena de dano, he hũa angustia sem instrumento algum, em que a alma se afflige, só porque não pode ver a Deos. Quanto á primeira:

O Profeta Rey parece, que se considerava já no Purgatorio, quando disse estas palavras: *Probasti cor meum, & visitasti nocte: igne me examina- Psalm. 16.*
uinafti. Provastes-me Senhor, visitastes-me de noite, & com fogo me examinastes. Bem parece fallava o Profeta do tormento do Purgatorio, por dizer, que o Senhor o visitou de noite: pelo dia comumente se entende a vida, & pela noite a morte: o dizer que o provára o Senhor com fogo; todos sabem que David não padeceo tormento de fogo em quanto vivo; & se ainda duvidarem da explicação, vejam como acaba o Profeta: *Et non est inventa in me iniquitas*. E nam achastes em mim maldade algũa. Se David fallára de ty, em quanto vivo, que Deos não achára nelle maldade alguma, já estava contra elle o Psalmo, que diz: *Iniquitatem meam ego cognosco*: que bem conhecia os *Psalm. 50.*
seus delictos: logo he certo fallava do Purgatorio, porque nelle já Deos não acha maldades, que effas já são neste mundo perdoadas; & só acha a pena, que he divida da maldade, para que as almas a paguem.

Perguntaráo agora: Se as penas que as almas padecem, se são iguaes, tanto hũas, como as outras? Respondo, que não; porque quem tem mais peccados, & por consequencia mais penas que satisfazer das culpas, entra no Purgatorio, & fica para mais devagar; & quem té menos peccados, & por consequencia menos penas que purgar delles, entra no Purgatorio, & logo sahe para fóra. David, & mais Job, hum peccador arrependido, & outro no estado da innocencia, nos haõ de provar este pensamento. Diz David: *Quoniam probasti nos Deus: igne nos examinafti, sicut examinatur argentum. Psalm. 65.* Por quãto nos provastes Senhor com o rigoroso exame, com que no fogo se examina a prata. E Job diz: *Probabit me, quasi aurum, quod per ignem transi*. Senhor, vós me provastes,

vastes, assim como o ouro, que passa pelo fogo.

Já temos dito, que estes Patriarchas fallavaõ de sy em profecia, considerandose no fogo do Purgatorio, pois ambos fallão em fogo, nam padecendo opressão delle na vida; mas he digno de reparo em a diversidade das palavras, sendo ambas da mesma intenção. Job diz, que entrou no fogo, & logo sahio livre: *Per ignem transit*. David diz, que entrou no fogo, mas não diz que sahio delle; com tudo mostra que não foi para ficar eternamente, senam para ser examinado mais devagar.

Job. 12. A razão he: Job era homem justo: *Non peccavit Job*. Isto se entende mortalmente; & como eram penas só de peccados veniaes, entrou, &

Psal. 50. sahio logo. David havia cometido peccados publicos: *Tibi soli peccavi*.

E como foraõ maiores que os de Job; foi a prova mais detençaõ no Purgatorio. Ambos se consideraraõ provados pela mão de Deos, mas com esta differença, que Job comparouse à prova do ouro: *Quasi aurum*. E David assemelouse á prova da prata: *Examinatur argentum*. E todos sabem, que mais de pressa lâça de sy as fezes o ouro, que a prata. Os que entrarem só por penas de culpas leves, resplandecerão como ouro no Purgatorio, & estarão nelle pouco tempo como Job. E os que tiverem mais que purgar de culpas graves, luzirão como a prata, porque tambem como os outros, tem a graça divina; mas estarão mais tempo no fogo, como David.

Quanto à pena de dano: supposto que são grandes as penas que as almas padecem no Purgatorio, em razão do tormento do fogo que padecem; muito maior he a ancia que sentem com a pena de dano; esta consiste só em desejar ver a Deos. Neste ponto são tão vehementes os suspiros, que em sua comparação não he tormento o fogo, que padecem; tanto assim, que se Deos as não confortára, parece chegaraõ a termo de desesperação; pelo menos he certo, que se nam foraõ eternas as almas de sua natureza, que acabariaõ de todo desfalecidas com tão dura esperança. Vejamos se podemos mostrar por algũa figura, algum rascunho de tão grande dor.

Isaias 26. Diz o Profeta Isaias: *Anima mea desideravit te in nocte, sed Spiritus meo in praesordijs meis de mane vigilabo ad te*. A minha alma, Senhor, vos

desejou em a noite, & tambem com o meu espirito, & em as minhas entranhas estarei com grande ancia, & dor vigiando, para na luz da manhã poder hir para vós. Quem bem reparar nestas palavras do Profeta, verá que estes suspiros tão lastimosos, não eraõ pelo estado em que vivia, senão pelo em que no Purgatorio se considerava; pois diz, que a sua alma desejou ver a Deos em a noite: se elle possuia desejos tão vehementes, porque só para a noite os guardava, & de dia o nam perseguião? A razão he: Pelo dia, já dissemos, se entende a vida, & pe-

na noite a morte: dirá alguém, & porque nam possuia estes suspiros o Profeta em quanto vivo, senam que em morrendo se lhe aumentara nas escuridades da morte? A razão he: Porque em quanto vivemos, como nam podemos ver a Deos nesta vida mortal, como elle disse a Moyses: *Non enim vidabit me homo, & vivet*; por isso o impedimento, de ordinario nos tira os affectos, & impossibilitados de presente nos esquecemos de Deos. Porém a alma, que ja esta livre do laço da morte, & vê que só a impede a sua má vida passada, para nam lograr a vista de Deos, rompe o ar em suspiros tão enternecidos, & dolorosos, que se se ouviraõ neste mundo, foraõ capazes de arrancar o coração fora do peito, de sentimento, & compaixão, do muito que as almas do Purgatorio padecem.

Tambem diz o Profeta, que esta vigiando no meyo daquella grande escuridade, até ver se acha o luzeiro da menhaa, para ver aquella claridade eterna, aquella luz da Divindade; onde mostra, que todas as almas estão vigiando, isto he, estão com cuidado grande, com ancias de marcadas, sem socego algum, esperando aquella ditosa hora de ver a seu Deos, que as criou.

He muito para reparar, que os dous Profetas David, & Job, explicando ambos a pena do fogo, em que se consideravaõ, não se ver nas suas palavras aquelles sentimentos, & angustias com que este Profeta relata sua dor: & he ella tal, que nam exprime instrumento algum que o faça padecer; so nos declara os suspiros, por causa de outros suspiros, as dores por causa de outras dores, & os desejos por causa de outros desejos: mas por isso mesmo; porque esta dor nam he causa natural, como o tormento do sentido, senam causa sobrenatural, qual he ver a Deos, em quem tem posto toda sua esperança; & vendo que he Deos tão bom, & tão misericordioso, & nam as tira de tão grande ancias, por lho impedir a dilacão da sua sentença, causada pela propria culpa, he para as almas a mayor pena; & nisto consiste o seu maior dano, em não poder ver a Deos.

Que os Profetas fallassem na consideração do Purgatorio, se deixa claramente ver; mas eu quero desempenhe o meu assumpto este Texto de David: *Domine, eduxisti ab Inferno animam meam, salvasti me*, Psal. 29. &c. Senhor, vós tirastes a minha alma do Inferno, & me salvastes. Tão breves palavras necessitaõ de tres explicaçoens: que Inferno era, que Senhor o tirou, & quando foi salvo. Quatro Infernos ha; o primeiro he o Purgatorio, aonde penaõ as almas o reato da culpa, cõ tormento, & dano; o segundo o Limbo; neste estavaõ os Santos esperando a redempção; & tambem se padecia nelle a pena do dano, até verem ver a Deos; o terceiro he o das crianças; & o quarto dos condenados:

denados: dos dous ultimos não fallou o Profeta, porque aquelles não chega a esperança da salvação. Logo, ou de hum, ou de outro dos primeiros fallava. Quem he o Senhor, que veyo livrar o Profeta? He Christo, que veyo a remir o mundo. O tempo em que salvou a David, foi quando desceu aos Infernos. O Profeta Isaias diz, que a sua alma estava esperando pelo luzeiro da manhã, para hir para Deos: *De mane vigilabo ad te*. Como a sua pena era muito grande, pois exprimia a pena do dano; com a sua magoa não nos acabou de significar, como David, o lugar, a pessoa, & o tempo para acabar o seu tormento.

Está sabido ser Christo Senhor nosso, o que tirou do Purgatorio, & do Limbo as almas dos Justos, que estavaõ naquelles lugares esperando pelo Senhor; & perguntaráõ meus ouvintes, quem he o que agora substitue o lugar de Christo, a vir tirar as almas ao Purgatorio? Respondo, não eu, mas a Igreja, & diz: *Archangelus Michael, Dei nuntius pro animabus justis*. Olha lá do Ceo, Christo Senhor nosso para o Purgatorio, & por nam vir outra vez a elle, constate seu Nuncio ao Archânjo S. Miguel, que como he maior em o Reyno do Ceo, só a elle compete esta nunciatura. Este he agora para nós aquelle luzeiro matutino, aquelle astro celette, aquelle prodigio soberano, que satisfaz as esperanças, que manifesta a claridade, que tira do calabouço, que mitiga as penas, que livra das saudades as almas do Purgatorio, por ser substituto de Christo. Vede agora se he o mayor no Reyno do Ceo: *Hic est maior in Regna Caelorum*.

Perguntará a alguém: se as almas do Purgatorio paíecem tanto, de que modo lhe poderemos aliviar suas penas? Respondo: Dando esmolas por sua tenção, fazendo oraçoens, jejuando, mandando dizer Missas, ou ouvilas, ganhando indulgencias, ou fazendo qualquer boa obra, & applicandolha por modo de suffragio, & offerecendo-as a Deos, ou a qualquer Santo, especialmente ao Archânjo S. Miguel, para que lhas apresente no Tribunal divino, como fez a Tobias o Anjo S. Raphael: *Ego obtuli orationem tuam Domino*.

Diz a Escritura sagrada, que ouve hum valeroso Capitão, chamado Judas Machabeo, o qual sendo General no exercito do povo de Deos, em hũa vitoria que alcançou, mandou doze mil moedas de prata ao Templo de Jerusalem, para que se fizessem sacrificios pelas almas dos soldados que morrerão na batalha: *Et facta collatione, duodecim millia drachmas argenti misit Ierosolymam offerri pro peccatis mortuorum sacrificium*.

como quem tabia aproveitavaõ as obras pias às almas que estavaõ no Purgatorio. E logo amestou aos circunstantes, dizendolhes: Sabei, que he cousa santa, cuidar nas cousas dos defuntos, orando por elles, para que sejaõ suas almas desatadas das prizoens em que os tem posto

as penas dos seus peccados: *Sancta ergo, & salubris est cogitatio pro defunctis exorare, ut à peccatis solvantur.* Tudo achareis neste Texto, esmola, sacrificio, oraçoens, & tudo o mais que a elles pertence, para serem livres as almas do Purgatorio.

He tão grande o valor que tem as obras que pelas almas se fazem, que ainda que esteja em peccado mortal, quem as faz, nê por isto deixão de aproveitar ás almas, porque ellas estão em graça de Deos; porém são tão agradecidas, que pedem a Deos, que dê auxilios de sua graça para a salvação dos que lhes fazem bem.

Estas obras, que servem de ajudar a satisfazer a pena das almas, tem hum grande Protector, qual he S. Miguel, o qual vem por mandado de Deos com seus Anjos, & levão as almas do Purgatorio para o Ceo: *Veni Michael Archangelus cum multitudine Angelorum, cui tradidit Deus animas sanctorum, ut perducatur eas in Paradisum exultationis.*

R. V. in
Matut.

Vejam os agora Irmãos, se ha neste mundo mais, que desejar, que sair bem desta contrada entre a vida, & a morte. E se formos tam bem afortunados, que vam as nossas almas ao Purgatorio (como espezo em Deos que seja) he certo que havemos de experimentar (per justos juizos seus) que os que deixarmos no mundo se lembrem de nos, assim como nós nos lembramos quando vivos, dos que estavam em o Purgatorio.

Nunca digais, que estas pompas funebres que temos presentes, são cousas escusadas aos defuntos; nem vos pareça coula de pouca importancia a grandeza com que se fazem os officios funeraes; porque nam só são proveitosos ás almas dos defuntos, mas até quem offerece estas velas, & tochas em obsequio dos mortos, com as mesmas luzes que alumea as almas para lhe mostrar o caminho do Ceo, essas proprias servem de alumiar os passos daquelles que as offertão, para caminharem pelo caminho da perfeição. Assim o entendeo o Sacerdote Zacharias, quando disse: *Illuminare his, qui in tenebris, & in umbra mortuis sedent: ad dirigendos pedes nostros in viam pacis.*

LUC. II.

Quero acabar este Sermaõ com vos dizer, que ama tanto a Igreja ao nosso Archanjo, que nas Missas das almas pede a Christo Senhor nosso, que mande a S. Miguel, tire as almas do Purgatorio, & as leve para a eterna Bem-aventurança; porém o que reparo he, que sendo esta oraçãõ feita a Jesu Christo, chame a Igreja a S. Miguel Alferes: *Sed signifer Sanctus Michael representet eas in lucem Sanctam;* mas he para que taibaõ, que sendo Christo Capitaõ, só S. Miguel podia ser Alferes; que assim avia de ser, pois he constituido por Deos em Principe do Purgatorio, para receber as almas, & emparalas com seu patrocinio:

Secreta in
Missa de
funct.

Archangele Michael, constitui te Principem super omnes animas suscipiendas. Ant. 3. in
Vede Land.

Vede agora se he o maior em o Ceo, pela grandeza da humildade ; maior em o mundo pelo seu poder ; maior em o Purgatorio pela sua charidade : *Hic est maior in Regno, Calorum.*

E vós, ó gloriosissimo Archanjo, já que sois o maior em o Ceo, pois com vossa humildade vencestes, & despojastes a soberba de Lucifer, para que não entrasse na gloria ; já que sois o maior em defender a Igreja de seus inimigos ; já que sois o maior em aliviar as penas das almas que estão em o Purgatorio: Peçovos, nos defendais do inimigo commum em esta vida, & nos favoreçais em o Purgatorio, para que possamos hir gozar da eterna Bem-aventurança em vossa companhia : *Ad quam nos perducat Dominus Omnipotens, &c.*

SONETO.

A Remontados voos de eloquencia,
 Voa, Joseph discreto, a penna vossa,
 E julgo que alcançala ninguem possa,
 Se já não for de hum Anjo a intelligencia.
 Angelica mostrais vossa sciencia,
 Com a qual a escritura se remossa:
 Que penna taõ delgada, & pouco grossa
 Põde sô de Miguel tocar a essencia.
 De hum espirito puro, flor amena,
 Que no divino Sol do Ceo se inflama,
 Vossa pena Joseph taõ bem se ordena,
 Que o Ethereo Safir já vos aclama
 Sabio no discorrer, douto na penna
 Com que mais azas dais à mesma fama.

*Por Manoel Baptista de Castro, em obsequio
 deste Sermão.*